

Ação Educativa
 Documento

Código: UNP 073

Data: 25/02/97

VSO NO PROGRAMA

CEDI EDUCAÇÃO POPULAR E
 ESC. POPULAR

documentação

N.º

Data ____/____/____

Perfil do programa de alfabetização de jovens e adultos dos Conselhos Comunitários de Educação, Cultura e Ação Social no estado de São Paulo: relatório descritivo

Introdução.....	2
Quem são os educadores.....	4
Características das classes	9
Recursos e dificuldades	12
Procedimentos pedagógicos	14
Algumas considerações	16
Anexo 1 - Questionário	17
Anexos 2: Motivos que levaram à docência	23

São Paulo, outubro de 1996

Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação

A idéia deste levantamento desenvolveu-se no âmbito da assessoria prestada por Ação Educativa ao programa de alfabetização de jovens e adultos mantido pelo Ibeac - Instituto Brasileiro de Educação e Ação Comunitária, em regime de parceria com os dezesseis Conselhos Comunitários de Educação, Cultura e Ação Social organizados até o momento, envolvendo 43 municípios no estado de São Paulo, contando com 17 mil alunos¹.

O objetivo foi levantar um conjunto de informações que servissem para guiar a ação do Ibeac e dos Conselhos na busca de adequação e melhoria da qualidade da ação alfabetizadora. Especificamente, buscou-se:

- Traçar um perfil dos educadores responsáveis pelas classes de alfabetização e posalfabetização pertencentes ao programa;
- Levantar indicadores sobre a situação do programa quanto a recursos e atendimento; e
- Levantar alguns indicadores sobre as práticas pedagógicas correntes.

A coleta de dados foi feita no 1º semestre de 1996, por meio de um questionário distribuído às equipes dos dezesseis Conselhos Comunitários que mantêm classes de alfabetização de adultos apoiadas por convênio entre Ibeac e MEC. Esse questionário (Anexo 1) continha 30 questões, quatro delas desdobradas em subitens, e foi respondido diretamente pelos educadores.

Dois dos 16 Conselhos (Lorena e Sorocaba) não foram considerados, porque o programa ainda não estava implantado no momento da pesquisa. Dentre os outros quatorze (Quadro 1), as taxas de resposta variam de 44,8 a 100%. Nos quadros que apresentam cruzamento de variáveis os dados foram ponderados com base na taxa de resposta, a fim de corrigir o efeito dessa diferença.

As classes pesquisadas têm uma grande concentração na região metropolitana de São Paulo, com 76,3% dos educadores pesquisados, contra apenas 23,2% do interior. Isso evidencia não tratar-se de amostragem representativa da situação do estado. Não obstante, o conjunto pesquisado é um programa relativamente extenso, quando situado no âmbito de iniciativas de educação baseadas em organizações de base local, tradicionalmente dispersas e isoladas.

1 Dados do Informativo Ibeac, jun. 1996, p. 3

Quadro 1 - Respondentes, por Conselho

Conselho	Monitores	Respondentes	Respostas, por Conselho (%)	Respostas (% sobre o total)
Cotia	32	26	81,2	4,0
Embu	28	28	100	4,3
Guarulhos	116	52	44,8	8,0
Jandira	30	20	66,6	3,1
Jundiaí	32	29	90,6	4,5
Mogi das Cruzes	47	47	100	7,3
Osasco	31	31	100	4,8
Pindamonhangaba	121	121	100	18,7
São Bernardo	5	4	80,0	0,6
São Paulo - Campo Limpo	76	50	65,7	7,7
São Paulo - Região Oeste	12	11	91,6	1,7
São Paulo - Região Sudoeste	222	211	95,0	32,6
São Paulo - Santo Amaro	14	14	100	2,2
Votuporanga	3	3	100	0,5
Total	741	647	87,3	100

Quem são os educadores²

São mulheres na proporção de 9 para 1, sendo a menor taxa a da região Oeste de São Paulo, com 81,8% de mulheres. São muito jovens, sendo que 65,6% têm até 30 anos. Metade deles é solteiro, outros 43,5% são casados; os outros 5,9% correspondem aos separados, divorciados ou viúvos. Consistentemente, 51,7% não têm filhos; 35,6% têm um ou dois, 12% de três a cinco e 0,8% (5 respondentes) têm seis filhos ou mais.

O 2º grau completo (Quadro 2) é o nível de escolaridade mais freqüente (65%), sendo que só 19% não o completaram e apenas 7,3% completaram cursos superiores.

Quadro 2 - Nível de escolaridade

Nível	%
1º grau incompleto	1,9
1º grau completo	3,1
2º grau incompleto	14,9
2º grau completo	65,0
Superior incompleto	7,9
Superior completo	6,8
Pós graduação <i>latu sensu</i>	0,5
Total	100

O tipo de escola que os monitores freqüentaram é mostrado no Quadro 3: o antigo primário foi cursado predominantemente em escola pública e período diurno, mas aumenta a taxa dos que concluíram o antigo ginásio em escola pública em período noturno. Dentre os que fizeram cursos superiores, a grande maioria o concluiu em escola particular e no período noturno. A trajetória escolar deste grupo de educadores parece ajustar-se a padrões correspondentes a pessoas oriundas de famílias de baixos recursos econômicos, freqüentemente combinando escola e trabalho.

2. Neste relatório usamos distintos termos para nos referirmos aos docentes, preferindo "monitor" por ser o mais usual. Ressalvamos que nem sempre o termo corresponde ao seu significado mais corrente, que se confunde com professor não habilitado legalmente. Embora seja uma população eminentemente feminina, usamos "monitores", "educadores" etc. na maior parte do tempo.

Quadro 3 - Tipo de escola (% sobre os que concluíram)

Tipo	Cursou 1ª a 4ª série	Concluiu 8ª série	Concluiu 2ª grau	Concluiu faculdade
Pública diurna	91,8	61,1	45,1	3,6
Pública noturna	3,1	30,8	43,8	7,1
Privada diurna	4,5	4,6	4,2	8,9
Privada noturna	0,2	1,6	7,0	80,4
Suplência pública	*	1,6	*	*
Suplência privada	*	0,3	*	*
Totais	100	100	100	100

Para dar uma idéia da composição das famílias dos educadores pesquisados, o Quadro 4 apresenta o nível instrução do pai, da mãe e do cônjuge dos respondentes. Enquanto entre os pais prevalecem níveis de instrução pouco mais elevados para o homem do que para a mulher, as monitoras e monitores casados, em confronto com seus cônjuges, têm nível de escolaridade mais elevado³.

Quadro 4 - Nível de escolaridade de familiares (%)

Situação	pai	mãe	cônjuge
Nunca foi à escola	10,5	17,6	0,7
1º grau incompleto	60,5	56,3	33,5
1º grau completo	16,5	14,0	23,6
2º grau incompleto	2,9	2,9	10,9
2º grau completo	3,2	5,1	18,5
Superior incompleto	1,3	0,6	4,0
Superior completo	1,7	1,7	7,3
Não sabe	3,2	1,7	1,5
Total	100	100	100

Parece verificar-se aqui uma tendência já observada em outras pesquisas. A partir dos anos 40, tem aumentado tanto o índice de alfabetização feminino como o de escolarização desse gênero, no contexto de grandes modificações na sociedade brasileira, em processo de urbanização e modernização,

³ Quanto à própria escolaridade, monitores e monitoras apresentam perfil diferente: elas estão mais concentradas na faixa de 2º grau completo ou incompleto (79,4% contra 65,6% dos homens). Há maior porcentagem de homens com escolaridade de 1º grau (9,3% contra 4,5%) e também maior porcentagem de homens que pelo menos entraram no nível superior (25% contra 16,2%).

com impactos nos padrões familiares e na participação da mulher no mercado de trabalho. Rosemberg⁴ identifica como um condicionante nesse processo a forma desigual com que a mulher ocupa postos de trabalho: sendo seus salários inferiores aos dos homens, lhe é exigida melhor qualificação educacional para concorrer nesse mercado.

Um índice de 39,9% de todos os pesquisados desenvolve outra atividade remunerada, enquanto 56,6% não o faz. Dentre os que declararam o valor de sua renda mensal bruta, 57,1% a situaram na faixa de até 2 salários mínimos. Os dados do Quadro 5, combinados com os do Quadro 6, apontam para um grupo de educadores situados em camadas pobres da população, provavelmente com inserção precária no mercado de trabalho (a julgar pelos índices altos daqueles cuja ajuda de custo recebida do convênio Ibeac-MEC é a única ou a maior renda ou pelo menos é fundamental para a manutenção da família).

Quadro 5 - Renda mensal bruta

Renda (em Salários Mínimos)	%
Até 1	33,0
Mais de 1 a 2	24,1
Mais de 2 a 3	17,5
Mais de 3 a 4	10,2
Mais de 4 a 5	7,7
Mais de 5	7,7
Total	100

Excluídos 7 casos não informados.

⁴ ROSEMBERG, F. Subordinação de gênero e alfabetização no Brasil. In: ALVES, M. L. (Coord.). *Alfabetização : passado, presente e futuro*. São Paulo : FDE, 1993. (Idéias, 19)

Quadro 6 - Importância de sua renda

Situação	%
É o único salário do orçamento familiar	8,7
É o salário mais alto do orçamento familiar	4,5
Não é o mais alto, mas é fundamental	22,9
Ajuda familiares com quem vive	3,4
Provê despesas pessoais e contribui para o orçamento da família com quem vive	44,5
Provê despesas pessoais, sem contribuir para o orçamento familiar	11,9
Provê sua própria manutenção (não vive com a família)	3,3
Outras situações	0,8
Total	100

Excluídos 6 casos não informados.

A grande maioria (86,5%) dos 617 que informaram sobre tempo de trabalho nos Conselhos Comunitários exerce suas atividades há menos de um ano. Excluindo-se três que não informaram, 69,2% declararam não ter experiência anterior com educação de jovens e adultos.

Essa informação pode ser complementada com os dados dos Quadros 7 e 8: mais da metade exerce atividade docente neste programa há um ano ou menos e 58% têm neste programa a sua única inserção como docente.

Quadro 7 - Tempo de trabalho docente

Tempo (em anos)	%
Até 1	53,7
Mais de 1 a 2	14,3
Mais de 2 a 5	14,1
Mais de 5 a 10	10,6
Mais de 10 a 15	3,4
Mais de 15	4,0
Total	100

Excluídos 23 casos não informados

Quadro 8 - Trabalho docente, além deste

Situação	%
Não exerce	58,0
Exerce na pré escola	7,8
Exerce de 1ª a 4ª série do 1º grau	26,2
Exerce de 5ª a 8ª série do 1º grau	1,7
Exerce no 2º grau	0,9
Exerce em outras situações	5,3
Total	100

Excluídos 9 casos não informados.

Essa configuração do grupo de monitores e monitoras do programa como jovens portadores de experiência pedagógica pequena e recente pode ser complementada pelas informações fornecidas sobre os motivos que determinaram a participação no programa analisado. O motivo mais indicado (em 41,8% dos casos)⁵ foi a ajuda de custo fornecida. Com intensidade semelhante apareciam outras motivações de ordem profissional: 36,9% indicaram a satisfação ou o gosto pela profissão e 34,0% o desejo de adquirir ou aprimorar a experiência profissional.

Uma outra classe de motivações teve indicação entre 20% e 30% dos respondentes: 27,2% indicaram “ajudar ou ser útil às pessoas” e 23,6% o interesse e o desafio de ensinar jovens e adultos a ler e escrever.

Outros 13,7% colocaram como motivo colaborar para diminuir o analfabetismo (seja no país, no município ou na comunidade) e 13,2% vincularam sua participação no programa ao desejo de realizar trabalho comunitário e ser útil à comunidade em que vivem.

⁵ O respondentes podiam indicar até três motivos; portanto, as porcentagens citadas não têm soma 100. Os principais motivos estão listados no Anexo 2.

Características das classes

Localizam-se predominantemente (70,1% das respostas válidas) em zonas urbanas, funcionando na maior parte das vezes (72%) em igrejas ou salões paroquiais, centros comunitários ou associações de moradores.

Quadro 9 - Local de funcionamento das classes de alfabetização

Tipo de local	%
Igreja ou salão paroquial	32,6
Centro comunitário	12,1
Associação de moradores ou similar	6,7
Escola municipal	8,1
Escola estadual	27,3
Residência do monitor	4,0
Outros tipos de local	9,2
Total	100

Excluídos 18 casos, não informados.

A média de atendimento, nas 623 classes em que essa informação foi fornecida, era cerca de 20 alunos cada uma e a moda (valor mais freqüente) era 15. A média de mulheres era sensivelmente superior à de homens, na proporção de 11 para 8 (modas respectivamente 11 e 10).

Três tamanhos classes aparecem como as mais comuns, cada uma delas correspondendo a pouco mais de um quarto das classes pesquisadas: “até 15 alunos”, “de 16 a 20” e “de 21 a 25”.

Quadro 10 - Alunos por classe (freqüentando, à época da pesquisa)

Número por classe	Mulheres ⁽¹⁾	Homens ⁽²⁾	Alunos ⁽³⁾
Até 15	76,2	91,6	27,6
De 16 a 20	17,8	7,0	25,9
De 21 a 25	3,4	3,0	26,5
Mais de 25	2,6	1,0	20,0
Totais	100	100	100

(1) 25 casos não informados; (2) 49 casos não informados; (3) 35 casos não informados

A carga horária semanal de aulas, em 73% dos casos, variava entre 8 e 10, sendo que 19,6% desenvolvia menos de 8 horas semanais e 7,4% mais de 10 horas.

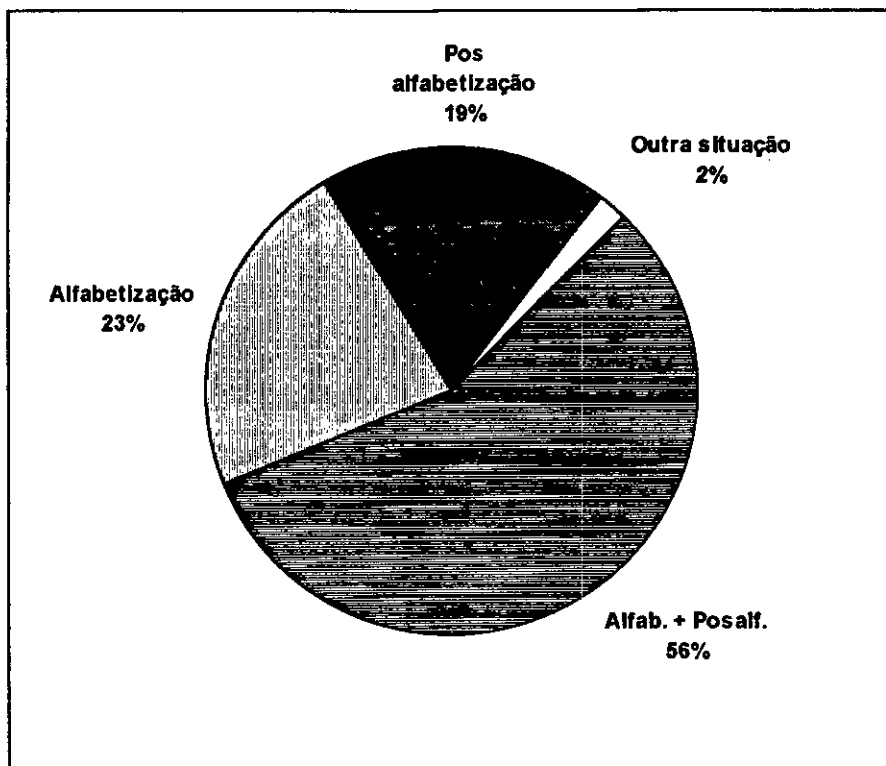
Foi solicitado que os respondentes classificassem suas turmas em “alfabetização” e “posalfabetização”. Dentre os que responderam a essa questão, 23,3% incluíram sua turma no nível “alfabetização” (processo inicial da aprendizagem da leitura e da escrita). Outros 18,6% incluíram-na em “posalfabetização” (aperfeiçoamento do uso do sistema de escrita e operações numéricas). Mais da metade (56,2%) consideraram sua turma como reunindo alunos de alfabetização e posalfabetização (1,9% consideraram sua turma em “outra situação”).

Embora não se possua informação sobre a distribuição de alunos nas turmas consideradas de “alfabetização e posalfabetização”, os dados levantados (Gráfico 1) merecem consideração à parte. Eles permitem supor que em aproximadamente três quartos das turmas há pelo menos algum aluno que já ultrapassou o estágio inicial de alfabetização, encontrando-se em fase de aperfeiçoamento das habilidades de leitura e escrita.

Nessa linha de raciocínio, uma boa parte dos jovens e adultos atendidos neste programa não seriam propriamente analfabetos em sentido estrito e a ajuda que demandam para continuar a aprender vai muito além da decifração de letras e palavras. Precisam de oportunidades de aprendizagem que os capacite para um uso mais abrangente e fluente de diferentes modalidades de texto (tanto para leitura como para escrita), para um manejo de conceitos e procedimentos mais sofisticados em matemática e para a sistematização de conceitos e noções relativos à natureza e aos fenômenos sociais.

Um quadro desse tipo contrastaria com a noção comum de classes de alfabetização (ainda centradas na idéia de alfabetização em sentido estrito) e exigiria preparação adequada dos monitores, em termos de domínio textual e de opções de trabalho para desenvolver a escrita e a leitura, a matemática, as ciências etc. Exigiria também materiais adequados, abrangendo uma diversidade de textos e outras fontes de informação. São apenas suposições, que precisam ser melhor investigadas.

Gráfico 1 - Caracterização das turmas em níveis de alfabetização



Embora tenham sido tomados com critérios diferentes dos utilizados neste levantamento, vale a pena comentar alguns dados obtidos em classes do Conselho Comunitário de Campo Limpo, em período aproximadamente coincidente com esta pesquisa. Em uma amostra intencional (escolha do monitor) foi aplicado um instrumento para diagnosticar os conhecimentos lingüísticos dos alunos. Em apenas 1 das 16 salas foram detectadas produções de alunos em início de alfabetização; em 9 delas os alunos poderiam ser considerados de posalfabetização e 6 turmas reuniam alunos nos dois níveis de aprendizagem.

Recursos e dificuldades

Os Quadros 11 e 12 dão uma idéia dos recursos disponíveis para a atividade de alfabetização, segundo as monitoras e monitores pesquisados.

Quadro 11 - Materiais didáticos disponíveis

Material	Disponibilidade			
	Não	Só para monitor	Também para alunos	Totais
Cartilhas	27,2	48,1	24,7	100
Livros didáticos	14,2	75,5	10,2	100
Apostilas	30,6	50,4	19,0	100
Dicionário	27,2	57,0	15,9	100
Outros tipos de livros	21,7	53,3	24,9	100
Jornais ou revistas	9,4	9,8	80,8	100
Jogos	47,3	5,8	46,9	100
Mapas	51,9	24,0	24,0	100
Outros materiais	79,1	5,8	15,1	100

Quadro 12 - Outros materiais disponíveis (%)

Material	Disponível	Não disponível	Totais
Lousa e giz	98,7	1,3	100
Lápis e borracha	95,6	4,4	100
Tinta e pincel	16,0	84,0	100
Papel em branco	82,2	17,8	100
Caderno	92,0	8,0	100
Mimeógrafo	25,3	74,7	100
Aparelho de TV e vídeo	8,7	91,3	100

Materiais de consumo mais básicos nas práticas escolares como papel, lápis, cadernos etc. estão disponíveis em uma grande parcela das classes de alfabetização. Em contraste, o Quadro 13 aponta para a falta de material didático adequado à população atendida como um dos obstáculos a serem vencidos no desenvolvimento do programa, ao lado da heterogeneidade das turmas e de condições que dificultam a frequência e a própria permanência dos alunos nas classes.

Quadro 13 - Aspectos que dificultam o trabalho do monitor

Fatores de dificuldade	% (*)
Faltas em excesso dos alunos	36,1
Falta de material didático adequado a jovens e adultos	35,0
Heterogeneidade da turma	31,9
Evasão de alunos	24,2
Condição física precária da sala de aula	17,9
Falta de oportunidade de aperfeiçoamento	17,0
Falta de proposta curricular para educação de jovens e adultos	16,8
Problemas familiares dos alunos	16,3
Falta de experiência do monitor com educação de jovens e adultos	9,7
Distância residência dos alunos - sala de aula	9,7
Falta de orientação pedagógica	7,8
Distância residência do monitor - sala de aula	6,6
Número elevado de alunos por sala	5,8
Problemas disciplinares dos alunos	3,2
Outros fatores	2,7

(*) Cada respondente indicou até três aspectos

O exame dos últimos quadros aponta para três áreas que merecem atenção:

- Equipamentos ou serviços de reprodução que possibilitem ao monitor elaborar e utilizar propostas próprias e diferenciadas de leitura e escrita e de matemática, como fichas de trabalho, roteiros, textos etc.;
- Obras escritas que possibilitem o acesso por parte dos educandos a uma grande variedade e diversidade de textos e veículos da escrita; e
- Obras que se utilizem de linguagens e sistemas de representação específicos, como por exemplo os mapas, atlas etc.

Procedimentos pedagógicos

Neste levantamento, ensaiou-se uma primeira resposta à pergunta sobre o tipo de atividades desenvolvidas em sala de aula, embora a profundidade da informação seja limitada pelas condições de coleta.

Com base na experiência de assessoria e acompanhamento a grupos de alfabetização, escolheram-se seis tipos de procedimentos pedagógicos de uso bastante comum: aula expositiva, trabalho em grupo, debates e discussão, atividades de pesquisa, cópia da lousa e leitura de textos. Os monitores indicaram a frequência de utilização de cada um desses procedimentos nos cinco dias anteriores à data de resposta ao questionário.

Os resultados são apresentados no Quadro 14. Cópia da lousa, leitura de textos e aula expositiva foram os principais procedimentos, se considerarmos que seu uso muito freqüente (de 3 a 5 dias) correspondeu a 70,1%, 65,6% e 55,2%, respectivamente, e que apenas 6,4%, 5,1% e 15,7% dos monitores não os empregaram num período de cinco dias de atividades.

Quadro 14 - Procedimentos pedagógicos utilizados num período de cinco dias (%)

Procedimento	Não usou	Usou em 1 ou 2 dias	Usou em 3 a 5 dias	Totais
Cópia da lousa	6,4	23,5	70,1	100
Leitura de textos	5,1	29,3	65,6	100
Aula expositiva	15,7	39,1	55,2	100
Debates e discussão	17,8	46,1	36,1	100
Trabalho em grupo	21,5	53,2	25,2	100
Atividades de pesquisa	38,0	39,6	22,4	100

Em contraste, trabalhos em grupo, debates e discussões e atividades de pesquisa parecem ser os principais procedimentos de uso pouco freqüente (1 ou 2 dias em 5).

As tendências mostradas no Quadro 14 podem estar relacionadas a pelo menos dois eixos de problemas. A cópia da lousa parece combinar com a pouca disponibilidade de textos impressos para os alunos (Quadro 11). Mas pode também estar associada a características de experiência e conhecimento pedagógico dos próprios monitores: a cópia da lousa é de fácil utilização e reconhecido correntemente

como um procedimento escolar, da qual se lança mão até pelo não domínio de um leque mais amplo, diversificado e estimulante de procedimentos pedagógicos no cotidiano da sala de aula.

Algumas considerações

Programas de alfabetização dirigidos a jovens e adultos são parte da história da educação brasileira. Muitos deles foram e continuam sendo levados a efeito no âmbito da sociedade civil, carregando um forte potencial de democratização do conhecimento escolar, pois permitem levar o atendimento escolar até os locais em que o equipamento escolar tradicional (escolas públicas, prédios escolares) não consegue atingir de modo satisfatório.

O caráter acentuadamente comunitário de muitos desses programas possibilita que eles voltem-se e se adaptem às necessidades educativas e às características dos seus beneficiários, normalmente pertencentes aos segmentos mais pobres e desassistidos da população.

Ao lado dessas características (que transparecem nos dados apresentados), esses programas precisam enfrentar alguns desafios de qualidade. Alfabetizar jovens e adultos exige ao mesmo tempo o ânimo militante, de compromisso com a transformação das condições de vida dos educandos, e o domínio de conhecimentos pedagógicos que não brotam diretamente da experiência e da vivência cotidiana, exigindo um esforço de reflexão, de aprendizagem e de aquisição de ferramentas específicas.

Essas observações têm o único objetivo de chamar a atenção para uma questão que emerge da leitura dos dados reunidos neste levantamento. Ele mostra um grupo de monitores jovens, com inserção pequena e recente na atividade pedagógica, mas com indicações claras de interesse no desenvolvimento de seu papel de educador.

Esse perfil, combinado com as indicações (bastante sumárias, diga-se de passagem) sobre procedimentos pedagógicos, apontam para o desafio de tomar a formação do professor como uma das necessidades fundamentais a serem desenvolvidas no programa, ao lado da busca de subsídios pedagógicos e de maior disponibilidade de materiais didáticos e outros.

A formação, nesse caso, tem que ser pensada em termos abrangentes, não se esgotando em intervenções pontuais e supõe, ao mesmo tempo, o desenvolvimento das capacidades de leitura, escrita, cálculo etc. dos próprios educadores e a aquisição de instrumental pedagógico que lhes permita desenvolver suas atividades.